

**CLARICE E MACABÉA:
APARTES DISCURSIVOS
DA CONSTRUÇÃO/DESCONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE FEMININA
EM “A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR**

Sheila Cardoso Marchesano
sheila_prof@hotmaill.com

Este artigo tem por finalidade analisar a construção/desconstrução da identidade feminina na obra “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, a fim de suscitar no leitor a reflexão sobre a linguagem como espaço para a construção da subjetividade na perspectiva da Análise do Discurso de vertente francesa, conforme Eni Orlandi. Esta aponta para o fato de o sujeito ser marcado por uma “incompletude” e “ansear” pela vontade de “ser inteiro”. Assim, podemos dizer que Clarice Lispector problematiza a questão da busca pela identidade, na tentativa de diálogo da personagem Macabéa com o mundo que a cerca.

Como, para Bakhtin, só tomamos consciência de nós mesmos através do outro, podemos perceber, no romance, que o processo de construção do sujeito, ou seja, de Macabéa, se dá, em primeiro lugar pela sua memória institucionalizada representada por signos ideológicos com os quais a personagem dialoga na tentativa de se conectar com a sociedade urbana moderna.

A ficcionista Clarice Lispector, singular no seu processo de criação, lançou sua última obra em 1977: *A Hora da Estrelae*, nesta, tece um jogo de identidades, ao criar o personagem narrador Rodrigo S.M. que, por sua vez, cria Macabéa: uma nordestina miserável que migra para o Rio de Janeiro, sem consciência de sua própria existência. Nesse sentido, partindo do pressuposto de que para a análise do discurso, o sujeito do discurso é histórico, social e descentrado pela ideologia, conforme Orlandi que diz: “o sujeito é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e pelo real da história, não tendo controle do modo como elas o afetam” (ORLANDI, 2005, p. 20), podemos ver, na criação de Rodrigo S. M. uma tentativa de diálogo, por parte de Lispector, com um histórico de mulheres na sociedade colonial pa-

triarcal, que, alienadas e submissas, não tinham o direito de ter direito. Sendo Rodrigo um narrador-personagem do sexo masculino, possui universo diferente de uma escritora mulher impregnada pela parcialidade, a qual travaria duelos ora legitimando ora confrontando discursos, já que, segundo a própria autora “uma escritora pode la-crimejar piegas” (LISPECTOR, 1998, p. 14).

O narrador acompanha a trajetória dessa personagem nordestina caricatural, feia e raquítica, de vida sem brilho e sem aventuras fortes, que sente o mundo conspirando contra si, por ser inapta para a vida moderna. É datilógrafa incompetente, assim como o é para a vida e, traz consigo, em pleno mundo moderno pós-revolução sexual, certa castração da vida social, econômica e sexual, por isso não é capaz de construir sua própria história. Mas, isso não quer dizer que não existam “Macabéas” neste mundo moderno, pois “Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal ordenados, enquanto nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios” (BAUMAN, 2005, p. 18), ou seja, a mulher de hoje assume vários papéis na sociedade e apresenta-se, muitas vezes, tão fragmentada quanto a personagem nordestina, diante do papel de profissional, de mãe, de esposa, de amante etc. Entretanto, a personagem de Lispector, na tentativa de conectar-se com a sociedade que a cerca, repete “sou datilógrafa, virgem e gosto de coca-cola e só então vestia-se de si mesma” (LISPECTOR, 1998, p. 36), buscando uma identidade imposta pelo mundo urbano. A interiorana utiliza-se do signo coca-cola visto que é um produto globalizado mundialmente que pode ser considerado ícone do consumo da sociedade americana, assim como o cachorro-quele que consome, e o fato de estar empregada como datilógrafa, o que a faz se sentir uma cidadã. Isso nos remete a Orlandi sobre “os efeitos de sentido que resultam da relação dos sujeitos dentro de certas circunstâncias se afetados pelas suas memórias discursivas” (ORLANDI, 2006, p. 11), por esse motivo a personagem abraça esses ícones como a uma forma de se identificar para si mesma e para a sociedade, que a ignora, mas não a essas informações. Por outro lado, Bakhtin sustenta que “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores” (BAKHITIN, 2009, p. 154), assim Macabéa faz uso do discurso de outro, pois, mesmo descentrada, apresenta certa per-

cepção daquilo que é significativo ideologicamente na sociedade em que vive.

Por isso, é lícito afirmar que inicialmente o processo de construção do sujeito por parte da protagonista se dá a partir da memória discursiva institucionalizada no presente através do repetível; “algo fala ante sem outro lugar e independentemente” (ORLANDI, 2006). Sendo assim, através do discurso que se encontra na exterioridade, no seio da vida social, ou seja, nas relações imaginárias da personagem com o mundo exterior, este “ser” descentrado e sem consciência de si, tenta estabelecer conexão com o mundo que o cerca, já que está em um lugar culturalmente diferente da sua realidade de vida no nordeste. Mas, Macabéa sente algo que não sabe explicar e ingere aspirina desmedidamente para continuar sua “busca” na sociedade. Assim, a aspirina ingerida pela personagem é uma forma de ela resistir à pressão das informações que vão de encontro à sua pessoa, para que ela continue a buscar uma identidade, pois “a identidade não tem solidez de uma rocha ela depende dos caminhos que o sujeito percorre, da maneira como age e da determinação de manter-se firme a tudo isso” (BAUMAN, 2005, p. 17).

Como o sujeito é marcado espacial e temporalmente por ser essencialmente histórico, traz consigo um recorte histórico de um espaço social, ou seja, “o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos dos outros e na sua fala outras vozes também falam” (BRANDÃO, 2004, p. 59), isso explica a percepção da personagem interiorana em relação aos signos escolhidos por ela para situar-se em um meio estranho, pois esses trazem consigo outros discursos em outros espaços sociais. Por exemplo, uma interiorana que veio do nada, sem nenhum conhecimento, passa a colecionar recortes de revistas com propagandas de produtos de beleza, assim como passa a frequentar o cinema e a admirar a estrela Marilyn Monroe, o que demonstra que ela consegue perceber, no discurso do outro, que tem condições de criar o seu próprio discurso.

A personagem “subterrânea” demonstra angústia na tentativa de diálogo com o mundo, ao usar, de forma dramática, a linguagem quando afirma “eu me dão o tempo todo” (LISPECTOR, 1998, p. 62). Nesse sentido, Bauman afirma que na época “líquida-moderna” somos fragmentados pela rapidez dos acontecimentos, embora bus-

quem os a completude a todo instante, contudo todos temos problemas a resolver e “estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte não é estar totalmente em lugar algum” (BAUMAN, 2005, p. 19), o que pode “nos doer”, causando um desconforto interior como acontece com Macabéa. Podemos afirmar que a enunciação da personagem gera um espaço discursivo formado pelo não dito, logo “me dêo” suscita uma reflexão sobre o discurso anterior do narrador quando dialoga com o leitor afirmando que “pretendia escrever simples”, mas que seria “trabalho de carpintaria” (LISPECTOR, 1998, p. 14) com a palavra, mostrando através do discurso metalinguístico, a “dor”, ou a angústia do escritor no ato criativo. Assim, temos Clarice através de Rodrigo, através de Macabéa num doloroso triângulo carregado de angústia pela fragmentação das identidades.

Ao revelar que seu “material básico é a palavra. E que é assim que a história será feita, de palavras que se agrupam em frases e destas se evolva um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases” (LISPECTOR, 1998, p. 14), o narrador-personagem assim como a sua criadora, aponta para o fato de que o dito está impregnado pelo velado, implícito e não dito, desvelado a partir da relação com o leitor também impregnado por outros discursos, pois é sujeito histórico e ideológico num tempo e num espaço social.

Partindo dessa observação, “é importante desvelar uma ou várias visões de mundo existentes numa formação social” (FIORIN, s/d, 50), ou seja, a escritora através dos seus personagens desvela seus anseios, temores, desejos, carências e valores da sociedade em que vive. Dessa forma, Rodrigo ao afirmar que “a história será patrocinada pelo refrigerante mais popular do mundo, que tem cheiro de esmalte de unhas e sabão aristolino e plástico mastigado, famoso em vários países” (LISPECTOR, 1998, p. 23) demonstra que há um discurso da autora que critica, de forma velada, o consumismo da sociedade moderna, que valoriza a aparência em detrimento do conteúdo.

É importante ressaltar que o feminino, em “A Hora da Estrela”, sofre o processo de assujeitamento já que a personagem submete-se à linguagem, à história e à ideologia na busca da identidade urbana, o que ocasiona a sua desconstrução como interiorana descendida no mundo moderno.

Por esse motivo, numa perspectiva atual, a personagem de Clarice, na condição de sujeito sociológico, ou seja, aquele que interage o mundo pessoal com o mundo exterior, encontra dificuldades na interação do seu eu com a sociedade e utiliza signos como a coca-cola, o cachorro-quente e o cinema para assumir uma falsa identidade pré-estabelecida, já que são símbolos ideológicos, de culto ao consumismo e transformam a vida de uma pessoa, no contexto de uma sociedade consumista onde quem não tem, não é. Logo, compreendemos a necessidade de Macabéa ao repetir “sou... sou... sou” “representando com obediência o papel de ser” (LISPECTOR, 1998, p. 36).

Embora Bauman afirme que “a vida consumista favorece a leveza e a velocidade. E também, a novidade e a variedade que elas promovem e facilitam.” (BAUMAN, s/d, 67), na medida em que a rapidez dos acontecimentos e as novidades facilitam o cotidiano do cidadão urbano, isso não acontecia com a personagem que “vivía em câmara leeeenta...” (LISPECTOR, 1998, p. 34), ou seja, não acompanhava os acontecimentos que lhe causavam “dor”, e continuava a sua vaga convivência na sociedade acelerada. Por outro lado, assim como Macabéa, o cidadão dos dias atuais é tão descentrado e fragmentado quanto ela, consome para estar incluso e “antenado” no contexto da sociedade.

Vale apontar que a personagem Macabéa pode representar, metaforicamente, o povo brasileiro da época, que com tanta opressão da ditadura, não sabia como se comportar em meio às mudanças que aconteciam no país. Numa sociedade capitalista, em que o “ter” é mais importante do que o “ser”, a personagem apresenta-se sem nada, do nada e para nada. Mas, o sujeito acontece simbolicamente a partir do momento em que sofre efeitos do simbólico, submetendo-se à língua e à história. Segundo Orlandi: “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua.” (ORLANDI, 2005, p. 17). Assim a ideologia é materializada pelo lingüístico através da paráfrase, que “funciona como sistema de relação de substituição entre elementos linguísticos de uma formação discursiva” (ORLANDI, 2006, p. 13) Nesse sentido, o dizível, no discurso de Macabéa de Clarice, ou seja, a memória discursiva, num processo parafrástico, se mantém, pois retoma o já dito e retorna ao mesmo espaço do dizer, já que “o sujeito só constrói sua identidade

na interação com o outro” (BRANDÃO, 2004, p. 76), então, o processo de construção da identidade é dinâmico. Assim a personagem fragmentada pelo mundo moderno num jogo entre o dito e o a se dizer, estabelece mobilidade de sentidos na busca de si mesma e se desconstrói à medida que tenta assumir a falsa identidade interpelada pelo urbano. Sendo assim o sujeito busca a “completude”, “marcado pela incompletude, anseia pela completude, vontade de ser inteiro.” (BRANDÃO, *apud* ORLANDI, 2004, p. 55). Logo Macabéa relaciona-se com signos que, de certa forma, representam o papel do outro no diálogo da personagem com o mundo urbano, tentando interagir com a sociedade.

Macabéa tinha uma colega no escritório que se chamava “Glória, roliça, branca e morna... ela era satisfatona: tinha tudo o que seu pouco anseio lhe dava. E havia nela um desafio que se resumia em ninguém manda em mim” (LISPECTOR, 1998, p. 63 e p. 64). Glória passou a ser uma conexão de Macabéa com o mundo, contava tudo para ela e espelhava-se na moça que passou a ser um ícone, pois era bem alimentada, tinha mãe, pai e no “sangue um bom vinho português além da mulatice no jeito de andar” (LISPECTOR, 1998, p. 59). Tanto a personagem Glória como Marilyn Monroe, eram ícones de beleza para Macabéa, por isso no processo de construção da identidade, a personagem “cariada” de Clarice, busca a construção da subjetividade, também nas gravuras de propagandas de produtos de beleza que colava nas paredes do quarto de pensão onde morava. Dessa forma, a fragmentada personagem tenta, através do discurso dos anúncios desses produtos, reproduzir o belo numa montagem de um enorme quebra-cabeças na parede do quarto, impregnando seu próprio discurso, já que a mídia reforça a todo instante que é possível ser bela como as atrizes, ao usar produtos em evidência no mercado. Assim, conforme Orlandi “o sujeito é múltiplo porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz parte, porque representa vários papéis, etc.” (ORLANDI, 1988b, p. 11).

Nesse sentido podemos afirmar que o sujeito constrói um discurso a partir do discurso do outro, o que demonstra que a identidade do sujeito sofre efeito do discurso do outro, e pode não apresentar caráter fixo. A identidade sofre mutações por influência do discurso do outro.

A personagem de Lispector, apesar de tudo afirma “não me habituei” (LISPECTOR, 1998, p. 48) e, com a ausência de “complemento” verbal, assim como sua “incompletude” enquanto “ser”, não sabe explicara que não se habituou, o que demonstra a insegurança da personagem em expressar o que sente usando as palavras, porque a ansiedade a impede, conforme a afirmação de Bauman: “há a ânsia e as tentativas de encontrar ou criar novos grupos com os quais vivencie o pertencimento e que possam facilitar a construção da identidade, o que gera insegurança” (BAUMAN, 2005, p. 31). Isso denota o conflito da personagem que é interpelada por símbolos ideológicos impostos pela sociedade, que é sua antagonista.

Para a surpresa do leitor, Rodrigo S. M. menciona predicativos à obra como “este livro é feito sem palavras. É fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta.” (LISPECTOR, 1998, p. 16 e 17), num discurso às avessas, tendo em vista ser o livro um verdadeiro “grito” ou um silêncio que “berra” através do trabalho de “carpintaria da palavra” conforme o próprio narrador escritor. Desse modo, surge a questão: estaria a autora provocando o leitor, de forma velada, a impregnar-se dos discursos apontados por Rodrigo S. M.? Essa questão remete ao fato de que “o discurso não se reduz, a um dizer explícito, pois ele é atravessado pelo seu avesso” (BRANDÃO, 2004, p. 66), então, através de Rodrigo, Lispector sugere um discurso tomado pelo discurso de outros.

Infere-se, dessa forma que a repetição dos termos “este livro” reforça a existência nada “rala” da narrativa, nada muda, nada silenciosa, mas sim repleta de questionamentos que não são propostos à revelia, pelos personagens afins da escritora “vanguardista” Clarice Lispector, que prenunciou no processo de construção/desconstrução do feminino, a situação do indivíduo na sociedade atual, onde o sujeito apresenta identidades fragmentadas em meio aos vários papéis desempenhados no contexto da pós-modernidade, num processo de assujeitamento dinâmico e muito veloz que o torna mais “outro” do que “eu”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA. Coordenação de Pós-Graduação em Letras da UFF. Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos da UFRJ. *IV Seminário Nacional – Anais: mulher na literatura*. Rio de Janeiro: CNPq-FINEP, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, s/d.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRANDÃO, Nagamine Helena. *Introdução à análise do discurso*, São Paulo: UNICAMP, 2004.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. Série Princípios 137. 8 ed. São Paulo: Ática, s/d.

LAGAZZI, Suzi; ORLANDI, Eni. *Discurso e textualidade*. São Paulo: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni. *Sujeito & discurso*. São Paulo: PUC-SP, 1988.